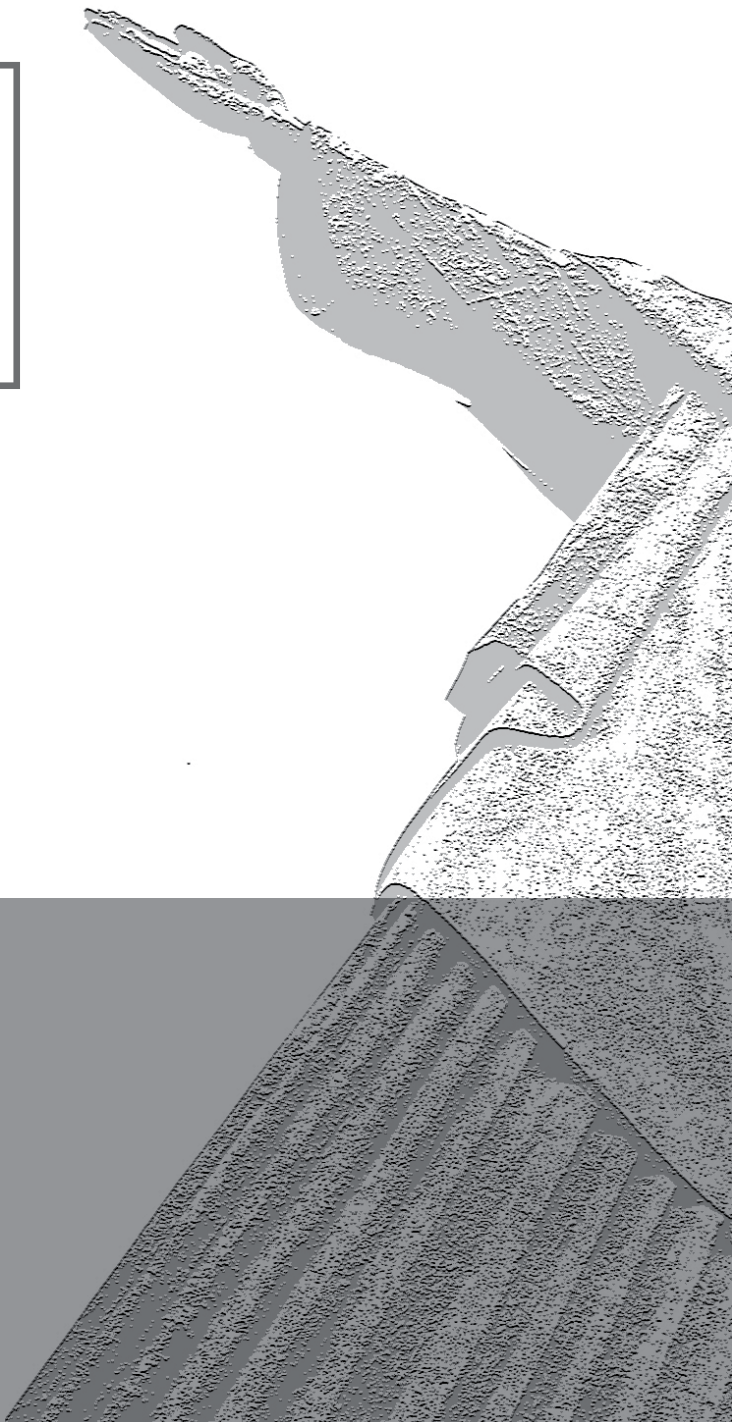


# [ estilo ]



12

## [ GILDA CHATAIGNIER ]

Graduada em Jornalismo pela UFRJ.  
Mestre em Artes e Design pela PUC-RJ.  
Professora e autora de vários livros, entre os quais se destacam *Todos os caminhos da moda* (Rio de Janeiro: Rocco, 1997) e *Fio a Fio – tecidos, moda e linguagem* (São Paulo: Estação das Letras, 2007).  
E-mail: [gilda.chataignier@gmail.com](mailto:gilda.chataignier@gmail.com)





## José Ronaldo, um mito carioca

Em meados do século XIX, o Rio de Janeiro respirava o *l'air du temps* no que se referia à moda. Ser chique, ou pelo menos se vestir com graça, já fazia parte dos desejos da carioca. Modistas e *midinettes* – ajudantes de costura, em geral de acabamentos, ou vendedoras auxiliares – europeias descobriram o Brasil, mais exatamente o Rio de Janeiro, movidas pelas informações que a elas chegavam e que indicavam as carências de moda por aqui. Primeiro vieram as francesas e as polacas que definiram, mesmo que precariamente, um estilo do que seria a moda carioca, ainda vago e com influências diversificadas. O tal estilo poderia ser interpretado como um tanto provocante, sem ser vulgar, um tanto pretensioso, sem ser afetado. Aquelas coisas que já existiam e exibiam metáforas encantadoras, típicas da moda. Os ateliês – que hoje fazem a alegria das consumidoras em endereços charmosos quase escondidos no Leblon, Jardim Botânico e Laranjeiras – eram geridos por madames e *mademoiselles* que colocavam seus mimos nas vitrinas cobertas com vidros de cristal *bisotê*. No interior das lojas, imponentes balcões de madeiras de lei esculpidas, símbolos de poder e elegância. Os reclames (sinônimo de publicidade) apareciam às dezenas na Rua do Ouvidor e nos jornais. Esse logradouro poderia ser definido como um shopping a céu aberto, famoso pelas costureiras, modistas e modismos importados. E, paralelamente, ponto certo para as meninas louras e de olhos azuis que não tinham sustento previsível e, infelizmente, caíam nas mãos dos senhores de fraque e cartola. Mas foi nessa região que se



Casamento de Gilda Chataignier em 1966  
Arquivo pessoal

[ 14 ]

criou uma pequena Paris que ditava *corselets* e "frufus" e imprimia seus modismos também em acessórios elegantes e carregados de novidade. A vocação do Rio para as belas artes da moda desenhou-se a partir de então e atingiu o seu auge no pós-guerra, mais exatamente no fim da década de 1940 e nos anos 1950 e 1960. O perfil da moda estava traçado e registrado, sendo remanescente da cocote que se exibia nos teatros de Vaudeville e das bem-nascidas jovens e mulheres sempre alertas para a moda. Hollywood, cinema, Paris, a boate Vogue, belas mulheres, o Copacabana Palace, a ociosidade movida a champanhe e caviar estavam no ar e esse caldo de cultura fútil formou o pano de fundo para a moda destacar-se nas colunas sociais assinadas por Gilberto Trompowsky, Jacintho de Thormes, Ibrahim Sued e Maria Cláudia Bonfim, entre outros. Nas fotos e nos croquis, surgia um personagem de destaque, o *darling* das 10 mais elegantes, o favorito de "Terezas" e "Dolores" e até das "primeiras damas": José Ronaldo Pereira da Silva, ou, simplesmente, José Ronaldo.

Carioquíssimo de Copacabana, ele começou a carreira no fim dos anos 1940 desenhando modelos belíssimos – ele apreciava superlativos – de alta-costura, com uma absoluta precisão de detalhes. Interessante é que José Ronaldo não gostava de cortar nem de modelar, passando sua criatividade delirante do papel para a contra-mestra e depois para a modelista, costureiras e arrematadeiras. Nosso grande costureiro, que fez os memoráveis desfiles da fábrica de tecidos Bangu e que também contribuiu para o sucesso dos antológicos eventos de Lívio Rangan para a Fenit, fez de seu ateliê no Flamengo (no prédio da Praia do Flamengo onde



também pontificou por muitos anos Jorginho Guinle) um ponto de encontro elegante das divinas mulheres daquela época, deixando mitos e lendas. Um dos casos mais curiosos aconteceu na Maison Dior, em Paris, quando a direção da Casa descobriu que entre seus convidados estavam Candinha e Guilherme da Silveira (proprietários da Bangu), sentados na primeira fila de cadeirinhas douradas juntamente com o *l'enfant terrible de la mode brésilienne*, José Ronaldo. Uma pessoa do staff Dior, provavelmente ligada a eventos, sugeriu a José Ronaldo que criasse e organizasse, em Paris, desfiles de moda com música e artistas brasileiros. Outro diretor da Dior, entretanto, num gesto impensável, convidou o casal (José Ronaldo e Glorinha) a se retirar, pois "a Maison Dior não admitia concorrentes em suas dependências". Entre perplexo e com uma pontinha de vaidade, nosso *grand-couturier* saiu com dois troféus: a comparação com o mestre do New Look e o apreço de Silveirinha pelo amigo e parceiro profissional, que comprou imediatamente no final do desfile o vestido mais caro e bonito da coleção e ofereceu-o como um brinde a José Ronaldo e sua esposa.

Infelizmente, a memória nacional da moda é curta e a nova geração que hoje aprende os segredos do ofício nas escolas e faculdades de moda pouco ouviu falar de um dos nossos maiores mestres. Os jovens que pretendem fazer carreira em moda estão mais voltados para *brandings* e gestões, euros e cartilhas globalizadas, mas precisam saber que José Ronaldo, entre outros nomes, foi o rei dos drapeados que nada ficavam a dever a Mme. Grès; que antevia o futuro através de transparências, decotes sensuais e recortes que deixavam à mostra barriguinhas, laterais do tronco e onde as costas morrem sem, contudo, perder a classe. Qualquer peça sua poderia ser usada hoje, pois estaria completamente atualizada, proeza que só os grandes artistas conseguem realizar. Tomara-que-caia, *fourreaus* deslumbrantes, babados e *rouches* plissados de todas as formas, audaciosas combinações de cores, como fúcsia e violeta, além do sempre presente pretinho, deram-lhe uma posição ímpar na moda carioca. Só mais tarde JR abriu sua linha prêt-à-porter, em parceria com Lúcia Machado, socialite de incrível bom gosto que o incentivou a dar ênfase à alfaiataria feminina, e contando ainda com a colaboração de Glorinha, com quem era casado até então. Um dos pontos altos de sua sedutora antologia ficou com as noivas e com os vestidos de baile. Em matéria de altar, posso falar de cadeira: meu vestido de noiva (1966) foi criado por ele, em otomã fino de seda pura, quase um gorgorão, absolutamente construído com formas geométricas. Um trabalho único com fenda longitudinal na saia e um decote *bateau* rasgado de ombro a ombro, sem dúvida um trabalho original de tesoura. A Condessa Pereira Carneiro, proprietária e diretora do Jornal do Brasil, onde eu era editora de moda, disse: "O vestido foge dos padrões tradicionais e revela uma beleza moderna". Ainda hoje este vestido – que mora no alto de um armário – poderia ser usado pelas meninas da pós-modernidade em seus dias de princesas modernas, uma vez que a peça é atemporal como um quadro de Monet. Na verdade um vestido com perfume de pompa e circunstância dentro de uma simplicidade eloqüente de corte e costura! Algo que não se vê mais.

Voltando ao grande costureiro (estilista é um termo que surgiu por aqui nos anos 1970), vale lembrar que seus croquis apresentavam um estilo peculiar, nos quais, na maioria das vezes, só aparecia um lado do rosto feminino; os modelos eram coloridos com aquarela e os detalhes, como rendas e bordados, assinalados com pintura em relevo. Até mesmo uma visão de marketing pontuou seu trabalho: entre as audácias destaca-se a criação de vários modelos para a Shell brindar suas clientes, com os respectivos desenhos embalados em latinhas e distribuídos nos postos de gasolina para as mulheres que abasteciam seus carros. Outra característica sua era a de criar todos os complementos para cada roupa, do sapato à jóia, dando às suas clientes unidade e identidade – que o digam suas fiéis admiradoras e amigas, como Nininha Magalhães Lins, Angela Fragoso Pires, Lourdes Faria, Sílvia Amélia de Waldner, Maria da Glória Antici, Lourdes Catão, a Princesa D. Tereza de Orléans e Bragança, Maria José Magalhães Pinto, Belita Tamoyo, entre centenas de outros nomes expressivos da sociedade carioca e paulista. No final da sua carreira (JR nasceu em 1928 e morreu em 1988) ele desenhava para a *maison* de Glorinha Pires Rebello, depois de recuperar-se de alguns percalços da vida. E morreu como todo grande costureiro ou estilista sonharia: com um croqui na mão, entregando-o à contra-mestra na entrada da oficina. O coração arrematou de repente a trajetória da sua vida bordada de alegria, de bom humor, de irreverência, de requinte, e costurada com perfeccionismo por esse autêntico menino do Rio.